

## DE DANTE MOREIRA LEITE A STUART HALL

### FROM DANTE MOREIRA LEITE TO STUART HALL

Eliane Maria de Oliveira Giacon<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo resulta de muitas leituras sobre identidade e identidade nacional que ao longo de muitas leituras nos levou a fazer uma visita a teorias do século XX sobre conceitos de identidade e como os discursos podem representar a brasilidade numa época em que o sujeito novamente é chamado a assumir posições, políticas, religiosas e nacionalistas. Para tanto um estudo de Dante Moreira Leite a Stuart Hall funciona como um chamariz para uma discussão ainda maior sobre os limites da identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Conceito; Nacionalidade

**ABSTRACT:** The review results from many reading about identity and national identity what along many reading on the she took the act a part a visit the theories of the 20th century on the subject of conceptions identity and how the discourses can render the “brasilidade” on a epoch what the subject newly is call the assume positions , political , religious and nationalists. About to as many a study of Dante Moreira Leite and the Stuart Hall it works like a “ chamariz” for a discussion again major on the subject of the thresholds from identiy.

**KEY-WORDS:** Identily ; ; Concept ; Nationality

#### 1- Introdução

Ser brasileiro, sentir-se brasileiro, tornar-se brasileiro ou até ser brasileiro de acordo com a definição dos outros povos são várias relações de identidade, as quais pretendemos estruturar a partir das definições de nacionalidade e de povo brasileiro, que foram escritas, reescritas, arquitetadas, fragmentadas pelas políticas dominantes ou pelos pensadores em diferentes épocas.

Por ordem didática introduziremos o estudo a seguir analisando algumas obras que discutem identidade nacional, o povo brasileiro e identidade. Dante Moreira Leite em 1969 na obra *O caráter nacional brasileiro* faz um tratado histórico sobre as diferentes ideologias que

---

<sup>1</sup> Professora da UEMS( Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul); Doutoranda em Literatura Brasileira pela UNESP( Universidade Estadual de São Paulo); e-mail [giaconeliane@uems.br](mailto:giaconeliane@uems.br) .

definem o caráter nacional do brasileiro desde a fase colonial do Brasil até a década 1960; Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro* (1995) discute questões de étnica, formação e destino do nacional ao mesmo tempo os diferentes brasis contidos no Brasil, brasileiro e Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2000) aborda a definição de identidade desde o século XVII até a globalização e o fundamentalismo.

## 2-O caráter nacional brasileiro

Segundo Dante Moreira Leite uma das primeiras definições do brasileiro e que chegará até o século XX está em *História do Brasil (1500-1627)* de Frei Vicente do Salvador, século XVII, é a seguinte: “E isto não têm só os que lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros usam a terra, não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída. Donde nasce também que nem um homem nesta terra é republico, nem zela ou trata do bem comum, senão cada um do bem particular.”(p.59) Outro autor, que contrapõe essa e outra idéias, que denigrem a imagem do brasileiro é Sebastião Rocha Pita em *História da América Portuguesa* (1730). Essa obra é a primeira manifestação de ufanismo nacional com muitos “elogios dos aspectos positivos do Brasil, embora de forma exagerada e inteiramente descabida”.(Leite, 1969, p.153). Da fase colonial podemos dizer com Dante Moreira Leite que fora Rocha Pita, os demais autores definem algumas atitudes da colônia como “a admiração pela natureza tropical, o interesse pela vida do indígena, o desejo de ver o progresso do país (p. 153)”.

O romantismo do século XIX, com a valorização da originalidade e do nacionalismo, alavanca uma postura independente do escritor que passa a depender do público, que lê suas obras e não mais dos mecenas. Esses escritores viveram um ambiente de entusiasmo nacional, cuja “perspectiva de mais um século permite ver a fecundidade do movimento romântico para a definição das normas estéticas que traduziriam a realidade brasileira, para o estabelecimento de símbolos – quem sabe se mitos – capazes de definir o nacionalismo brasileiro. (...) os românticos brasileiros tiveram nítida consciência de seu papel nessa definição e tentaram explorar os elementos construtivos do nacionalismo”.(p.166) engrandecendo a terra natal em detrimento ao contraponto: Portugal. Nesse processo de valorização do *natio* destaca-se o

poema “A Canção do Exílio” de Gonçalves Dias e o romance *Iracema* (1865) de José de Alencar. Na crítica, Santiago Nunes Ribeiro explora a relação entre nacionalidade e literatura no texto “Da Nacionalidade da Literatura Brasileira” publicado na revista *Minerva* (1 – 11-1843), considerando que “a literatura é a expressão da índole do caráter, inteligência social de um povo ou de uma época” (I,p.1) devendo portanto, ser um reflexo da identidade nacional de um povo. Assim os romances indianistas de Alencar são reveladores para a compreensão do nacionalismo desse período da História do Brasil.

O realismo e o naturalismo nascem atrelados ao cientificismo. Pois afinal “a idéia de ciência que domina o período (Leite, 1969, p. 179) influenciará em especial a Silvio Romero, cuja interpretação do Brasil “impregnou de tal forma os estudos brasileiros que não será difícil perceber sua influência em Euclides da Cunha e Oliveira Vianna, e até em Gilberto Freyre”. (Idem) “Silvio Romero se debaterá nas contradições (...) porque convencido da inferioridade racial do brasileiro, tentará um esquema futuro que permita a integração do brasileiro no desenvolvimento racial da Humanidade.( p. 184) Essa concepção de inferioridade do brasileiro advém do fato de que Silvio Romero reuniu, em sua obra, as teorias de alguns pensadores como Spencer, Darwin, Molleschott entre outros da época, predominando a Teoria da Evolução das Espécies de Darwin quanto a evolução humana, que “não só explicava o predomínio da raça branca – que alguns autores denominavam ariana – mas também justificaria as futuras conquistas, como raça mais capaz e adaptada. “ ( p. 183) Como o Brasil era composto de raças inferiores, logo Silvio Romero defendia que o país estava fadado a ser dominado pelas raças superiores. A solução para o problema era importar elementos brancos para melhorar ou branquear o brasileiro. Essa concepção explica, em termos, o porquê de mesmo o Brasil possuindo na época da **Lei Áurea** (1888) um número suficiente de escravos aptos a trabalhar na lavoura de café como assalariados, ele importou uma leva de imigrantes, como mão de obra, principalmente os italianos, que nunca tinham trabalhado com café.

Esses cientistas, mestres de Silvio Romero, procuravam, na Europa, “buscar a origem remota dos desenvolvimentos contemporâneos, mas para eles só os brancos – os arianos – teriam valor. ( p. 185). Silvio Romero sucumbe a essa noção etnocêntrica, contudo deixa transparecer em alguns de seus estudos que nos períodos de mestiçagem houve maior desenvolvimento econômico e intelectual do Brasil.” Aparentemente, ele não tinha recursos

intelectuais para opor-se aos mestres europeus e isso o obrigava a repetir afirmações que na realidade o desmentia a todo instante”. (pp. 189-190).

Segundo Dante Moreira Leite (1969) a interpretação possível para essa teoria do branqueamento da população brasileira e que leva Silvio Romero a insistir na imigração seja o preconceito de raça e cor, que será mais nítido em alguns autores do século XX. Para ele as características do povo brasileiro são: “apático, sem iniciativa” e na vida intelectual esse é uma imitação do estrangeiro. O contraponto ao pessimismo de Silvio Romero em relação ao brasileiro é a reação otimista de Affonso Celso.

Affonso Celso publica em 1900 uma obra intitulada *Porque me ufano do meu País*, na qual apresenta dez itens que valorizam o brasileiros.: sentimento de independência, hospitalidade, afeição à ordem, paciência, doçura, escrúpulo, caridade, imitação do estrangeiro, tolerância e honradez. Os defeitos são a falta de iniciativa, de decisão e firmeza, que podem ser justificados pelo fato da terra ser fértil e de vida fácil.

Como pôde ser visto até o presente momento, o caráter nacional ou identidade nacional é pautado na questão do discurso, que influencia a maneira de como um povo se visualiza em relação aos outros povos. Se, no romantismo houve a valorização do mito fundador do brasileiro centrado no índio e a oposição entre Brasil (positivo) Portugal (negativo), já o realismo-naturalismo pautou-se numa dualidade entre a observação e a teoria, pois embora Romero afirme a inferioridade do brasileiro quanto a questão da raça, ele mesmo numa segunda fase admite a mestiçagem como elemento propulsor do desenvolvimento intelectual e econômico do Brasil. Em Affonso Celso há a valorização excessiva do brasileiro como forma de implantar, no consciente coletivo dos jovens, conceitos de brasilidades, que serviriam para forma uma identidade positiva, que estava em choque com a dos imigrantes europeus, que chegavam ao Brasil.

No pre-modernismo, Euclides da Cunha, um positivista, centrado na observação da realidade, após ser correspondente jornalístico em Canudos, sugere várias hipóteses para a definição do sertanejo, que ele resume na frase antológica “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, isso porque ele considerava que esse elemento formou-se a partir do material genético dos bandeirantes paulistas, que adentrado para o interior do Brasil, fundaram povoações no centro do nordeste, que devido a dureza da terra, eles se tornaram fortes. Ele tenta explicar que o colono português, que chegou ao litoral e ficou emparedado entre o mar e o sertão ou

permaneceu branco ou sofreu cruzamento com o elemento negro. ‘No Sul, ao contrário, o colono encontra um clima ameno cruza-se com o indígena e vem constituir o *paulista* (...) um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo “(p.206) Para ele as diferenças entre os dois tipos estava apenas na questão do clima e não da etnia. O jagunço, embora mestiço, não era um fraco, pois esse vem de uma mistura híbrida entre brancos e índios. O mestiço fruto de várias misturas entre branco, negro e índio é um instável, um desequilibrado, que não lutou pelo seu lugar na concorrência das raças e “procura cruzar-se com a raça superior para apagar na descendência sinais da sua inferioridade”.( p.207)

A oposição ao jagunço, segundo Euclides da Cunha é o mestiço litorâneo, que tem um raquitismo exaustivo devido ao fato de ter de enfrentar a competição de raça com os outros elementos do litoral. Com o mestiço sertanejo, isso não ocorre, logo esse elemento pode ser considerado, de acordo com suposições de Euclides da Cunha, como “ uma raça e, a partir dela, o Brasil poderia desenvolver uma nação autêntica”. (Leite, 1969, p. 208)

Monteiro Lobato, por sua vez considera de forma preconceituosa o mestiço brasileiro paulista e o responsabiliza pelo atraso desse país. Esse mestiço, o caboclo, é designado por Lobato como o Jeca Tatu e o considera “ apenas uma praga, um ser inútil e retardatário”( p. 213). Essa perspectiva não era de toda a literatura, pois é dessa época o livro *Juca Mulato*( 1917) de Menotti de Picchia, no qual o herói sentimental é o caboclo. Mais à frente, Lobato o considera vítima do sistema, que o fez assim indolente e preguiçoso.

Gilberto Freire publica na década de 30 *Casa Grande & Senzala*, e “ a partir de um homem da primeira república, procura suas raízes no passado brasileiro, encontrando-as no passado colonial e nas suas transformações durante o século XIX”. (p. 271) numa tentativa de “descrever e explicar a história brasileira através do processo de miscigenação. (p. 276). Para ele “nenhum povo estaria mais preparado do que o português – povo indefinido entre a Europa e a África” ( Idem). Além disso, pelo contacto com os mouros, os portugueses estavam preparados para a mobilidade e a miscigenação com índios e negros, sendo pois capazes de criar um caráter nacional quente, plástico e aberto a novas miscigenações.

Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que veremos a seguir, não eram escritores modernistas, mas sim intelectuais brasileiros , que formulam discursos sobre a identidade nacional do brasileiro, não utilizando os pressuposto do cientificismo como ocorre com Silvio Romero e Euclides da Cunha, mas abrindo uma perspectiva histórica, social e

psicológica para definir o povo brasileiro. O ensaio sobre a formação do caráter nacional brasileiro, *Raízes do Brasil* (1936) apresenta “ apesar da informação predominantemente histórica, uma perspectiva sociológica, que se revela principalmente na tentativa de aplicação de tipologias sociais à vida brasileira”( Leite, 1969, p. 286)

Sérgio Buarque Holanda considera o brasileiro um desterrado, por ele trazer a cultura de seus antepassados para essa terra e tentar mantê-la. Assim ocorre com os africanos, o europeu e o asiático, que aqui se instalaram ou foram transplantados para os trópicos. Desta forma, *Raízes do Brasil* “ se constrói em três conjuntos de dados ou três linhas de pensamento: a descrição intuitiva do brasileiro de classe alta, a descrição da passagem da vida rural para a vida urbana; a discussão das virtualidades políticas do Brasil” ( p. 291) .

A primeira linha de pensamento a classe alta trata com cordialidade os seus iguais, contudo em relação aos negros, quando ameaçam mudar a posição de subalternos e eles são tratados com crueldade. E “ é suficiente lembrar a história do bandeirante que exibia as orelhas dos negros mortos em Palmares.” ( p. 292) A segunda linha de pensamento refere-se a passagem da sociedade rural, ibérica, para o urbana, a anglicana. A terceira linha discute a perspectiva dos partidos de extrema direita ou extrema esquerda virem a dominar o país. Sérgio Buarque de Holanda percebe “ as transformações na vida social, mas , apesar disso, continua preso a idéia de características nacionais, de um passado que determina o presente.” ( p. 293)

A partir de Monteiro Lobato começa um processo de superação da ideologias a respeito do caráter nacional fundamentadas nas teorias raciais e Batista Pereira chega a prevenir os brasileiros contra as teorias européias, que influenciam os pensadores brasileiros a denegrirem a imagem do povo brasileiro e ele “ combate, com argumentos sensatos , as teorias racistas” ( p. 313). Roquette Pinto na obra *Ensaio da Antropologia Brasileira* ( 1933) combate “ a idéia de inferioridade racial do brasileiro” ( p. 314) Para Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil Contemporâneo* ( 1942) as características da vida brasileira não foram impostas pelo destino, mas por condições concretas que podem ser modificadas. A luz da colonização poder-se-ia analisar melhor as diferentes formas de colonização tanto dos Estados Unidos como do Brasil. Foram os sistemas coloniais que distinguiram o norte e o sul da América.

A partir da década de 1950 há vários trabalhos desenvolvidos pelo ISEB ( Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e entre eles Álvaro Vieira Pinto e Celso Furtado, que serviram para eliminar “definitivamente , pelos menos nos grupos intelectuais de certo nível, qualquer interesse pelo caráter nacional”(p.321) e passam a se preocupar com soluções para o desenvolvimento do país, pautando-se na questão de uma identidade nacional fragmentada.

A literatura modernista supera a dicotomia entre o universal e o regional e encontra várias formas de expressar a realidade nacional, embora ela não chegue “a descobrir a *alma brasileira*, mas revela, na situação do homem brasileiro, as situações fundamentais dos homens de outras épocas e lugares”. ( p. 322) . isso ocorre com Érico Veríssimo, Guimarães rosa , João Cabral de Melo Neto, entre outros

A superação da ideologia de caráter nacional, segundo Dante Moreira Leite, não se deu repentinamente, ela passou “ a ter menos significado e começou a desaparecer no momento em que as condições objetivas da vida econômica de certo modo impuseram a necessidade de um novo nacionalismo” ( p. 327) , pois a luta por independência econômica do país substituiu as explicações de inferioridade nacional. A posição dos intelectuais brasileiros mudou em relação ao mais pobre e às raças. Entre esses intelectuais, Florestan Fernandes propõe um projeto que tenta compreender os dilemas do negro em relação à sociedade. Superadas as ideologias de caráter nacional, os pensadores brasileiros ou se vêm a identidade nacional como um todo ou defendem as causas das minorias.

## 2 – O povo brasileiro

Segundo Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro* ( 1965)

A identidade étnica dos brasileiros se explica tanto pela precocidade da constituição dessa matriz básica da nossa cultura tradicional, como por seu vigor e



flexibilidade. Essa última característica lhe permitirá, como herdeira de uma sabedoria adaptativa milenar, ainda dos índios, conformar-se, com os ajustamentos locais, a todas as variações ecológicas regionais e sobreviver a todos os sucessivos ciclos produtivos, preservando sua unidade essencial. A partir daquelas protocélulas, através de um processo de adaptação e diferenciação que se estende por quatro séculos surgem variantes principais da cultura tradicional. ( p. 272)

Essas culturas regionais são base para a definição dos brasis contidos no Brasil: o crioulo, o caboclo, o sertanejo, o caipira e o sulino. O Brasil crioulo nasce a partir da grande indústria açucareira, o engenho, que uma massa humana organizada em função do açúcar com feição patriarcal. Essa massa é uma fusão racial de brancos, índios e negros numa “ cultura sincrética plasmada pela integração das matrizes mais díspares”. ( p. 276) O senhor de engenho vê-se e constrói-se como um poderio demarcado pela casa-grande que era construída para durar e ser legado aos seus descendentes, cada vez mais diferentes dos modos e costumes dos portugueses, seus antepassados. “O escravo, índio ou negro, que sobrevivia ao duro trabalho no engenho também se abasileirava no mesmo ritmo e com igual profundidade.” ( p. 277) A área desse Brasil crioulo corresponde ao nordeste litorâneo

O brasil caboclo corresponde a área norte do Brasil coberta, em parte pela floresta Amazônica, que se formou essencialmente pela cultura indígena “ conservada e transmitida, através de séculos, sem alteração substanciais” ( p. 310). O ciclo da borracha evidenciou a figura do seringueiro, um caboclo, que adaptado a mata e fruto da miscigenação entre índios, brancos e negros utiliza a floresta como forma de sobrevivência. Esse grupo, com o fim do ciclo da borracha, na década de 1930 passou a tentar retomar os velhos seringais, agora na mão de latifundiários, para revitalizá-los e melhorar as condições de vida dos povos da floresta. Chico Mendes foi vitimado por um desses conflitos. O caboclo, segundo Darcy Ribeiro, é o único que pode manter a selva dado a sua característica de trabalhar para a subsistência.

O Brasil sertanejo também denominado Brasil Central, onde “ as populações sertanejas desenvolveram-se isoladas da costa, dispersa em pequenos núcleos através do deserto humano(...) conservando muitos traços arcaicos ( p. 354) Essa população mestiça é composta de elementos brancos e índios, a princípio com inserções do elemento negro, em menor escala. Há também o vaqueiro nordestino, que é até certo modo branco.



O sertanejo é arcaico quanto a religiosidade, que tende ao fanatismo, às qualidades morais, que o levam a valorizar a honra, o brio e a fidelidade a ponto de criar manifestações de massa como o cangaço e o fanatismo religioso. ‘ Nos últimos trinta anos, uma descoberta tecnológica abriu novas perspectivas de vida econômica para os cerrados’ ( p. 363) e a plantações de soja ou trigo se espalharam pela planície dos cerrados. Assim os cerrados foram invadidos por agricultores sulinos.e As máquinas agrícola invadiram esses regiões e de um lado ficam as grandes propriedades e do outro “ uma fileira de nordestinos(...) cabeça coberta com seus chapéus de palha e de couro(...) olhando pasmos as imensas máquina revolvendo a velha terra do cerrado” ( p. 364)

O Brasil caipira formou-se a partir da miscigenação, que “ era livre porque quase ninguém haveria, dentre os homens bons, que não fosse mestiço. Nessas circunstâncias, o filho da índia escrava com o senhor crescia livre em meio aos seus iguais, que não eram a gente da identidade tribal de sua mãe,(...) nem dos frutos de cruzamentos anteriores de portugueses com índias, orgulhosos de sua autonomia e de seu valor de guerreiros.”( p. 369) Esse Brasil localizado na região Centro- Sul formado sobre uma base composta da cultura branca e índia adotou o tereré( água gelada com erva-mate) como bebida, as danças típicas de salão são o chamamé, vanerão, vanera, forró, manteve festas populares e danças típicas e adotou um estilo campeiro como forma de identidade.

O Brasil sulino formando por gaúchos, matutos e gringos resultou da expansão dos antigos paulistas em terras de dominação espanhola. Nessa região surgiram “ modos de vida tão diferenciados e divergentes” (p. 408) que determinou uma característica básica do Brasil sulino, “ em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é a sua heterogeneidade cultural” (idem) ., pois essa região surge na mão dos jesuítas espanhóis no território das missões , no século XVII. A formação genética do gaúcho brasileiro é igual ao dos outros gaúchos platinos, pois “ surgem da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres Guarani.” ( p. 414) Originalmente o gaúcho não se identificava nem com os espanhóis, nem com os portugueses, do mesmo modo que não se considerava indígena.

Os gaúchos se uniformizaram culturalmente nas atividades pastoris e adotaram o chimarrão ( erva-mate com água fervendo) como bebida e o uso do poncho e dos laços de caça e de rodeio. O cavalo e o cão passam a ser seus companheiros inseparáveis. Eles alargaram suas fronteiras e passaram a cultivar em escala industrial, no século XX, a soja e o

trigo. Alargando as fronteiras agrícolas, os gaúchos levaram consigo sua cultura, que influenciou outras regiões do país. Eles criaram CTGs em várias cidades brasileiras e muitos brasileiros, embora caipiras, sertanejos, crioulo ou caboclo adotaram o gosto pela música gaúcha.

Darcy ribeiro termina sua obra *O povo brasileiro* considerando que o nosso destino é nos unificarmos não como brasileiros apenas, mas como povo latino-americano, pois somos “ povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante.”( p. 454).

#### 4. A identidade cultural na pós-modernidade

A última frase de Darcy Ribeiro abre a discussão da identidade nacional na pós-modernidade, pois os discursos unificadores agora estão sendo substituídos por identidades partilhadas, que segundo Stuart Hall ( 2000) à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades intactas e impedir que elas se tornem enfraquecidas através de bombardeamentos e da infiltração cultural.”( p. 74) com a globalização um fato em um determinado país, embora distante, pode afetar de forma violenta tanto o mercado econômico quanto a vida das pessoas, pois permanecemos interligados por canais de comunicação. Primeiro veremos o que é identidade. E podemos dizer com Stuart Hall(2000) que identidade “ realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconsciente, e não algo nato, existe na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre a unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo , sempre sendo formada( p. 38), pois não há país no mundo que seja unificado quanto a etnia e as formas culturais.Na origem tanto de alemães, ingleses, tchecos, italianos e outros povos sempre há determinados grupos que foram dominados através da miscigenação ou pelo aniquilamento. Esses povos estão na raiz de qualquer etnia.

Segundo é o que é identidade nacional. A identidade nacional está intrínseca na identidade cultural. Essa identidade nacional não está incutida em nossos genes, portanto não nascemos com ela, mas ‘um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. ( Apud Hall, 2000, p. 48), logo identidade nacional não é coisa que nascemos com ela, mas a assimilamos, no decorrer de nossas vidas. Assimilamos porque “ as culturas nacionais(...) não são compostas apenas de instituições, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. ( p. 50), logo um povo se identifica com um sentido que estão contidos nas histórias de uma nação, num passado memorial construído de forma híbrida( uma parte são fatos e outra são histórias, logo “a identidade nacional é uma comunidade imaginária.” ( p. 51), criada com várias funções: unificar um povo, responder ao poder em um momento de crise, acalmar uma população e muitas vezes como uma forma de exclusão.

Muitas estratégias são utilizadas para a construção dessa comunidade imaginária: 1. A utilização da narrativa da nação, que são contadas e recontadas nas histórias e na literatura nacional, que fornecem imagens , panoramas símbolos e rituais nacionais e dão significado ao destino nacional; 2. Dar ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade. Assim os elementos essenciais do caráter nacional permanecem interados. 3.A invenção da tradição. Inventa-se uma tradição que alegam ser antigas, mas não são. 4. A construção de um discurso centrado no mito fundacional: “ uma história que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo. ( Hall, 2000, p. 54) 5. “A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na idéia de um povo(...) original.” ( p. 55)

O processo contrário à construção da identidade nacional forçada com os cinco processos acima assinalado é a desconstrução da cultura nacional, que se processa pela valorização da identidade centrada nas diferenças. Todo os estados modernos não possuem uma cultura homogênea. Muito pelo contrário eles são resultado de uma mistura cultural heterogênea, a qual é dado o nome de identidade nacional. Identidade nacional representa a junção de dois fatores: o natio – uma comunidade local, um domicílio e um estado nação. Resumidamente não importa se os membros de um povo são diferentes quanto a raça, a classe , o que os une é a cultural nacional, na qual está contida a identidade nacional. Como a formulação de um discurso sobre identidade nacional passa pela valorização dos aspectos

positivos de um povo em detrimentos dos aspectos negativos de outro. Um exemplo disso ocorre entre a Argentina e seus vizinhos. Os aspectos de identidade dos portenhos foram valorizados como sendo os ideais para os comparar aos Estados Unidos. A Argentina tornou-se um referencial de proximidade com o primeiro mundo se distanciou dos outros países da América Latina. Com a economia globalizada, eles sentiram o peso desse discurso de identidade criado após a era Perón.

Não devemos pensar nunca em culturas nacionais unificadas, mas sim “como um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade”. ( p. 62) A identidade nacional do brasileiro está fundamentada na diversidade e é essa diversidade, que nos une. Não só a diversidade genética, mas também a cultural. A nação, portanto não é uma identidade cultural unificada e os discursos de identidade não estão livres do jogo do poder e da influência de teses a respeito da definição do caráter nacional. A cultura nacional costura toda as diferenças numa identidade única.

## 6- Conclusão

Ser brasileiro não depende de uma definição de caráter nacional, mas sim de uma forma de identificar-se com o Brasil. Se ao longo dos últimos 500 anos parecei fácil definir o brasileiro, era porque era só olha-lo sob a ótica dos países dominantes ou sob a luza da ciência. Hoje com uma experiência histórica e sociológica que o brasileiro adquiriu não é mais possível definir a identidade nacional brasileira pela unificação, mas sim deslocá-la para o campo da identidade cultural.

Não há mais necessidade de forçar um caráter nacional ou de tentar incuti-lo nas gerações mais jovens. Esse processo de identificação nacional caminhou paralelo a tentativas dos intelectuais de definir o brasileiro e é um discurso baseado nas diferenças pessoais, regionais, religiosas e classistas costuradas pela identidade cultural.

As três obras acima citada servem de referencial teórico para estudos sobre a identidade nacional. Há, portanto, a intenção de com esses textos criar uma linha cronológica abordando os diferentes discursos sobre a identidade nacional.

## 7- Bibliografia

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LEITE, D.M. **O caráter nacional brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.